

Povos Indígenas no Brasil

Fonte JORNAL DE BRASÍLIA Class.: 613

Data 28/06/83 Pg.: _____

¹⁹⁰ Leal não aceita pressão para substituir coronéis na Funai

"Não concordo com a demissão de ninguém. Na Funai quem decide sou eu. Não adianta pressionar. A responsabilidade é minha e não adianta pressionar". Essa a declaração do coronel Paulo Leal, presidente da Funai, ao falar ontem aos jornalistas depois de uma reunião de quase três horas com 40 chefes de 12 diferentes aldeias indígenas. Juruna acusou a Funai de ter aliciado os índios para fortalecer o seu presidente.

Os índios foram levar solidariedade ao coronel Leal, ao mesmo tempo em que endossaram o pedido de demissão de alguns dirigentes da fundação, "porque eles não trabalham direito, não gostam de índio e devem ser substituídos". Leal agradeceu o apoio e, ao final, disse a eles que não decide sob pressão, "como aprendi na escola de Aeronáutica".

O presidente da Funai foi aplaudido em algumas de suas intervenções na reunião. Apenas um grupo de xavantes de São Marcos permaneceu insatisfeito com a posição do coronel Paulo Leal. Estes índios defendem o mesmo ponto de vista do deputado Mário Juruna (PDT-RJ) de que devem ser afastados os vinte e um militares que trabalham na Funai.

MESMAS QUEIXAS

Pela manhã o coronel Paulo Leal recebeu os índios xavantes, muitos dos quais os mesmos que ocuparam a sede da Funai dias atrás. Ouviu deles as mesmas queixas e os mesmos pedidos, entre os quais o da demissão dos coronéis Ivan Zanoni Heusen, chefe da Assessoria Especial, Luiz Carlos Correia, diretor de administração, Anael Lemos Gonçalves, assessor do presidente, e Roberto Guarany, do departamento de operações. Os índios conversaram mais de uma hora, e o deputado Mário Juruna também esteve na Funai, entrevistando-se com o presidente. A resposta que receberam foi a mesma.

Trazidos de avião das tribos de várias regiões do país, os índios que estiveram na reunião da tarde eram Cacaris, Kajabi, Yawazipiti, Karajá, Terenas, Txukaramae, Pataxós, Txikao, Guaranis, Kidiwel e Xavantes. Pelo menos 30 deles falaram, todos elogiando Leal, mas endossando a tese de demissão dos funcionários antiíndios. O cacique Celestino, dos xavantes, estava pintado a caráter, mas quem mais chamava a atenção era o cacique Raoni, chefe dos Txukaramae, que, sem camisa, exibia seu lábio inferior com uma abertura em que cabia um círculo de couro de 10 centímetros de diâmetro.

SEM IMPRENSA

Alegando que "os jornalistas deturpam as notícias", os índios, a pedido de Raoni, que estava irritado com os refletores dos fotógrafos, fizeram com que a imprensa fosse retirada da sala, e só alguns repórteres puderam, por uma porta dos fundos, assistir parte da sessão, que foi considerada por Paulo Leal "como uma verdadeira assembleia geral indígena, coisa rara demais".

Depois de agradecer aos índios, o coronel Leal foi novamente taxativo para com os jornalistas: "Não fiz nenhuma promessa, e não creio em mudanças de nomes da Funai. Vamos estudar com cuidado o assunto. E se mudarem os nomes, mudo eu". Ele explicou depois que não aceitaria a demissão de qualquer um dos seus auxiliares, e que seu cargo era de confiança do ministro. Finalmente, admitiu que se ficar trinta dias sem pressão, resolve alguma coisa. Ele acusou pessoas desconhecidas que querem perturbar o seu trabalho e a paz social.

AVIAO FICA

A Funai informou que não aceitará qualquer imposição, o que significa que o avião apreendido pelos índios Kajaki, do parque indígena do posto Diauarum, no Xingu, ficara ali até que uma solução seja encontrada. O diretor do parque Xingu, Cláudio Romero, que ontem ia viajar para tentar negociar com os índios não viajou. Os índios exigem a demissão dos coronéis Ivan Zanoni Heusen, Roberto Guarany, Anael Lemos Gonçalves e Waldemar Ferreira para liberarem o CSSNA-182 que apreenderam no início do mês.

Segundo a Funai, alguns dias de espera serão dados para que as conversações sejam reiniciadas, buscando-se uma solução "diplomática" para a pendência.

Ontem à tarde, agentes da Polícia Federal e soldados da Polícia Militar exerciam policiamento na sede da Funai, e os federais estiveram dentro da sala de reuniões.

Ministro não comenta

— O ministro do Interior, Mário Andreazza, recusou-se ontem a fazer qualquer comentário sobre a invasão da sede da Fundação Nacional do Índio-Funai, na quinta-feira, por um grupo de índios xavantes, ao qual veio juntar-se posteriormente seis parlamentares. Andreazza disse que somente vai pronunciar-se sobre o assunto depois de receber um relatório que está sendo preparado pelo presidente atual do órgão, coronel Paulo Moreira Leal.

A mesma explicação foi dada por seus assessores para justificar o cancelamento da audiência que o ministro concederia ao deputado Mário Juruna (PDT-RJ), juntamente com outros parlamentares. Não obstante, durante todo o dia o ministério permaneceu sob a vigilância permanente de um grupo de seis policiais militares, assessorados por um agente da Polícia Federal, todos munidos de "Walkie Talkies". Até o começo da noite de ontem eles ainda estavam lá, temendo a visita dos índios xavantes.

Fotógrafos e repórteres aguardaram a chegada de Juruna por cerca de duas horas, ao mesmo tempo em que a assessoria de imprensa do ministro garantia que não havia qualquer audiência marcada. Já no começo da noite, quando os jornais já haviam sido informados do cancelamento da audiência pelo próprio deputado Juruna é que a assessoria passou a admitir que o encontro estava previsto e que o ministro realmente havia encaminhado o telex.



Quarenta chefes indígenas manifestaram solidariedade ao presidente da Funai